

# A escolha entre história e estória

» ONYX LORENZONI

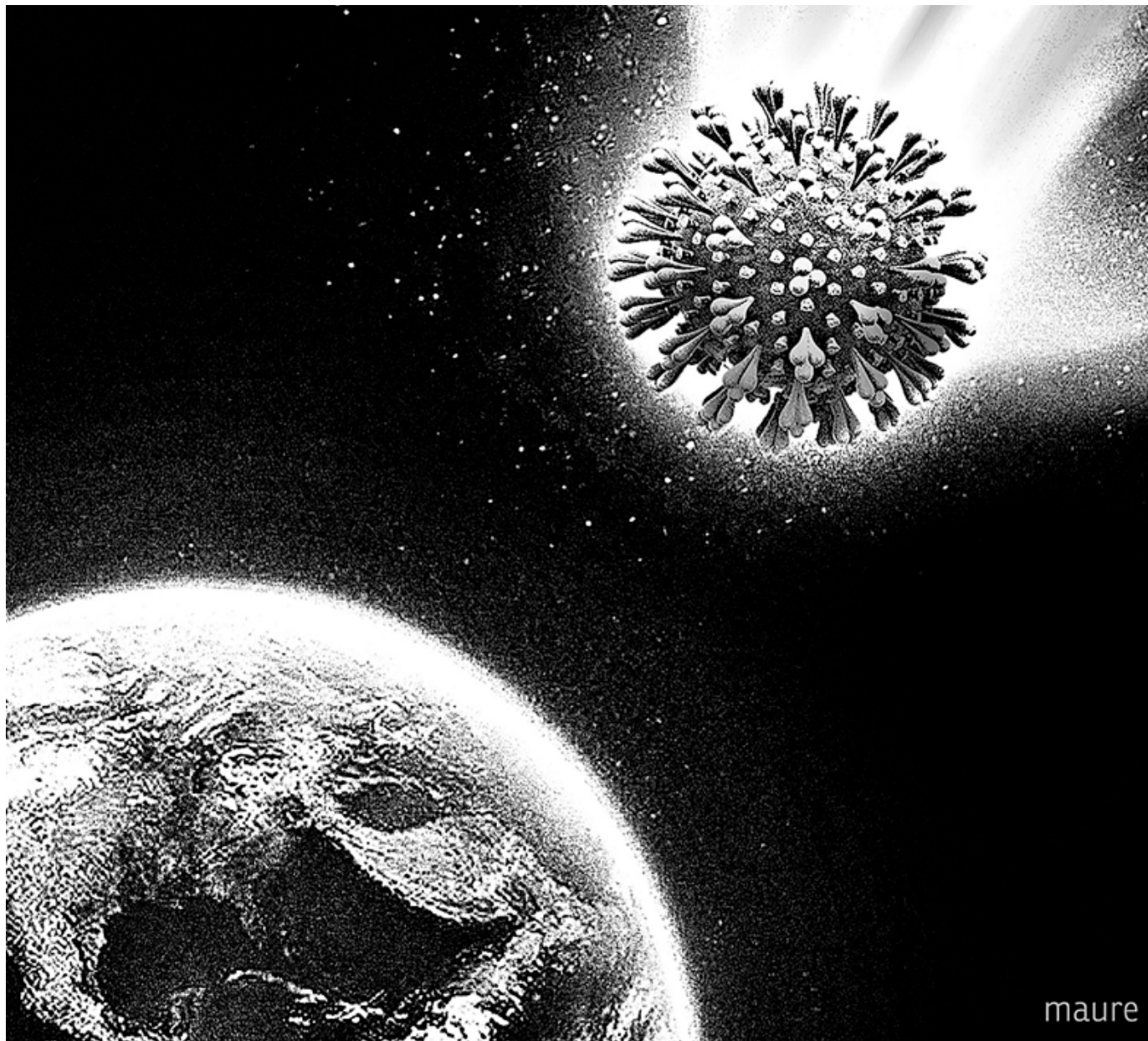
Ministro de Estado do Trabalho e Previdência

Dois mil e vinte, certamente, será lembrado para sempre pela pandemia da covid. Cada vida perdida é preciso lamentar, e todos nós perdemos alguém próximo. Enquanto uns escolheram contar histórias, o presidente da República e o governo federal preferiram transformar a história.

No início de 2020, ninguém sabia direito do que se tratava, as notícias eram confusas. Muitos cravaram que não seria nada de mais. Alguns pensavam no carnaval, mas o presidente da República decretou estado de emergência. Enquanto um conhecido médico foi a um programa de televisão dizer que não precisava se preocupar, o governante paulista fez o anúncio do “maior carnaval do mundo” e as redes de televisão, que faturam muito na época do carnaval, ignoraram a gravidade da situação. Mas o presidente da República enviou um avião para buscar brasileiros no epicentro da doença, a cidade de Wuhan, na China, e preparava o isolamento — que duraria duas semanas — daquelas pessoas na chegada ao país.

Passado o carnaval, os personagens, que antes não estavam preocupados, mudaram o discurso, e aí, apareceu o “fica em casa, a economia a gente vê depois”. Longas entrevistas com cobertura ao vivo para dizer que a economia era secundária, ignorando que miséria, fome e desemprego matam mais que qualquer doença. Longas entrevistas se colocando como paladinos da saúde. Longas entrevistas dizendo que o governo federal nada fazia. Enquanto isso, o governo do presidente Jair Messias Bolsonaro trabalhava para socorrer estados e municípios. E não faltaram recursos, não apenas para a estruturação da saúde, mas também para compensar a perda de arrecadação com o fecha-tudo. Isso não estava nas entrevistas.

Assim como não se viu essas pessoas falarem do auxílio emergencial para 69 milhões de brasileiros, ou dos milhões de empregos e empresas protegidos pelo Pronampe e pelo Bem (Benefício) Emergencial e, obviamente, nem uma citação de que tudo isso só foi possível porque o Brasil experimenta pela primeira vez em décadas um governo que serve ao povo, que acabou com privilégios, que não tolera o desperdício, que chega ao fim de



seu terceiro ano de mandato sem um único caso de corrupção. No governo Bolsonaro, o dinheiro arrecadado com impostos é revertido para o povo brasileiro. Jair Messias Bolsonaro escolheu a verdade, escolheu servir ao Brasil e, por isso, foi escolhido por mais de 57 milhões de brasileiros.

Hoje, o mundo inteiro sente os efeitos do fica em casa. Nos Estados Unidos e na Alemanha, a economia sofreu em 2020 a maior queda desde a Segunda Guerra; na Índia, a queda histórica do PIB; na Austrália, a maior recessão em 30 anos; na Argentina, a hiperinflação e o aumento da pobreza — todas demonstrações claras de que o lockdown não funcionou em lugar nenhum. No Brasil, que teve cidades inteiras paralisadas por decisão de prefeitos e governadores, não seria diferente. A boa notícia é que o lockdown produziu menos estragos por aqui. Em primeiro lugar, é preciso registrar que o Brasil é um dos países que mais cura no mundo. Já temos mais de 300 milhões de doses de imunizantes distribuídas, ultrapassamos até os poderosos Estados Unidos — produtores de vacina — e somos o terceiro país que mais vacina em todo o planeta.

Os dados da atividade econômica, incluindo a geração de empregos formais — são 2,2 milhões de saldo positivo apenas neste ano, que se aproximam de um recorde histórico — mostram que, mesmo com todas as dificuldades e os novos desafios trazidos por uma doença desconhecida no mundo todo, não saímos do rumo e estamos no caminho certo para escrever na história deste país um capítulo de recuperação pós-pandemia que, certamente, será motivo de muitos estudos em um futuro bem próximo.

Poderia ter sido até melhor, se o objetivo daqueles que preferiram as narrativas acima de tudo não fosse tentar desgastar a imagem do presidente Jair Bolsonaro, o primeiro líder mundial a dizer que saúde e economia deveriam andar juntas, que determinou a toda e a quipe de governo que era preciso salvar vidas e preservar empregos, o primeiro presidente do Brasil, em décadas, a estabelecer uma relação direta com seu povo baseada na verdade. Estória é narrativa. História é realidade. Nunca uma letra fez tanta diferença na vida de tanta gente.

## Ciência brasileira em frangalhos

» MARA GABRILLI  
Senadora pelo PSDB-SP

» MAYANA ZATZ  
Pesquisadora e professora titular de genética da Universidade de São Paulo

O Brasil caminha para trás. Enquanto a pandemia mostrou ao mundo a importância da pesquisa científica, nossa ciência, cujo orçamento caía em conta-gotas, novamente, foi saqueada. Não bastava sermos até aqui um dos países que menos investe em pesquisa e tecnologia no mundo, o governo federal cortou mais de onde não tinha. O patamar do orçamento em 2020 foi de R\$ 17,2 bilhões, ante R\$ 19 bilhões dispensados à ciência há doze anos — em valores corrigidos pela inflação do período. Os números fazem parte de um levantamento da economista Fernanda De Negri, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e expõem, na prática, que havíamos retrocedido mais de uma década. Um atraso que, para a ciência, significaria voltar ao telegrama na era dos smartphones.

De forma rasteira, pegando de surpresa até o ministro da Ciência e Tecnologia, a Comissão Mista do Orçamento do Congresso Nacional (CMO) atendeu a ofício enviado pelo ministro da Economia e fez modificações no PLN 16, que, originalmente, destinaria R\$ 690 milhões ao Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI). Desse montante, R\$ 655,4 milhões saíam do Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FNDCT), que é subordinado ao MCTI. Esse é um fundo para o qual os outros órgãos de ciência podem pedir financiamento quando as contas apertam. Ou seja, é o que mantém a ciência em condições mínimas de existência no Brasil.

Com a mudança no PLN 16, mais de 90% desses recursos foram transferidos para outros ministérios, restando apenas R\$ 55,2 milhões destinados ao atendimento de despesas relacionadas aos radiofármacos, uma despesa importante, mas que não está relacionada a novas descobertas científicas. À ciência propriamente dita restaram cerca de 1% do total previsto originalmente.

Em resposta ao rombo sem precedentes à área, Paulo Guedes afirma que os recursos transferidos ao MCTI não estão sendo utilizados. Contudo, cabe lembrar que esses recursos, que o ministro da Economia mostra nada saber, são para crédito, são reembolsáveis, e não interessam à indústria. As bolsas pagas aos estudantes são seu único meio de subsistência, principalmente para aqueles que moram em estados diferentes de onde se realiza a pesquisa.

Há tempos nossos cientistas, que contam com recursos escassos para seus projetos, driblam a burocracia e a morosidade para importarem reagentes para pesquisas, mas, ainda assim, conseguem fazer ciência de reconhecimento internacional. Que Brasil eles não poderiam nos proporcionar se não tivessem que depender de migalhas para se manter em competitividade com o mundo? Além disso, vale lembrar a Paulo Guedes, que, sem investimento em C&T, não há economia que prospere. Mas, como aqui no Brasil precisamos reafirmar até o óbvio, cabe lembrar também que, sem pesquisa, sequer teríamos vacinas para covid-19. Elas foram desenvolvidas em tempo recorde, porque os países desenvolvidos têm investido pesadamente nesse setor há décadas.

O Brasil, no entanto, faz o oposto quando seu presidente não é dotado de compreensão mínima — que se espera de uma liderança pública — sobre a importância do uso de máscaras em meio a uma pandemia. Agora, com um ministro da Economia que não entende que a ciência não gera lucro financeiro imediato, retrocedemos séculos. Ciência requer investimento. Era isso que almejávamos com o PLN 16.

É fundamental deixar claro que os cientistas não estão pedindo aumento de salários. Estão reivindicando a possibilidade de realizar pesquisas de ponta, na fronteira do conhecimento e em pé de igualdade para competir com os países desenvolvidos.

Que o ministro Marcos Pontes saia do estágio de surpresa, acorde para a realidade do governo ao qual pertence e lute para reverter essa aberração feita em sua pasta. Caso contrário, tudo o que conquistou para o Brasil será em vão, pois com migalhas destinadas à ciência não chegaremos a lugar algum. E, para alguém que foi para o espaço, é o mínimo que exigimos: que ele saia da microgravidade, finque o pé no chão e lute pelo avanço científico e tecnológico de nosso país.

## Estamos em decadência

» CRISTOVAM BUARQUE

Professor Emérito da UnB e membro da Comissão Internacional da Unesco para o futuro da educação

Pela primeira vez na nossa história, o Brasil apresenta sinais de que sua crise é parte de uma decadência, que vai exigir anos, talvez décadas, para ser superada, recuperando o rumo do desenvolvimento civilizatório. Ainda no início dos anos 1990, o livro *O colapso da modernidade brasileira* alertava que o progresso brasileiro seria interrompido em decorrência da falta de cuidado com a desigualdade social, com os desequilíbrios fiscal e ecológico, com a baixa qualidade da educação, a tolerância com a corrupção e a ineficiência, o desprezo com a ciência e a tecnologia.

O atual debate político, prisioneiro do confronto em 2022, exclui a ideia de que Jair Bolsonaro é um fenômeno trágico e brutal, mas passageiro, e que, ao se abraçarem a ele, seus opositores ignoram a dimensão da tragédia histórica que o Brasil atravessa há anos. O momento atual é visto como uma crise, consequência de Bolsonaro, quando, na realidade, ele é um indicador da nossa decadência.

A ânsia de emigração também é um indicador de decadência. Não se trata de saída por períodos curtos, para estudar, fugir de repressão, de guerra civil, como ocorre em outros países. As pessoas estão emigrando para fugir da violência, da incerteza, da falta de perspectiva de bem-estar e da ausência de desafio para construir uma nação; elas abandonam o Brasil por falta de esperança. A emigração é facilitada pela globalização, que permite manter os laços

familiares e culturais mesmo vivendo no exterior. O emigrado troca a vida angustiante e sem perspectiva no Brasil por uma vida segura no exterior, conversando com som e imagem com as pessoas que deixou no Brasil, assistindo ao futebol, às novelas e ao noticiário da televisão brasileira.

A decadência que provoca a emigração se agrava porque rouba o potencial desses emigrantes que vão beneficiar o país que os adota ou tolera. Um dia, algum desses emigrantes, ou seu filho ou filha, provavelmente, receberá um Nobel em nome do país onde vive e produz. Outro indicador de decadência está no despreparo educacional de grande parcela da população de adultos “analfabetos para a contemporaneidade”: não conhecem as bases da ciência, não entendem os problemas do mundo, não falam idiomas estrangeiros. Isso indica que não estamos preparados para a integração no mundo nem sintonizados com a velocidade com que ele avança. O corte de verbas promovido, recentemente, por decisão do presidente da República induz à decadência, porque o país que não investe maciçamente em conhecimento fica para trás em relação aos outros países.

A violência que nos rodeia é um indicador de decadência. Ainda mais a aceitação e o acomodamento de sobreviver no meio de uma guerra civil informal, mas mortífera. Vivemos cercados por guardas, muros, vigilância, assistimos ao noticiário como descrição de campo de batalha, sabendo

que esse quadro continuará se agravando, empurrando muitos para a migração ao exterior e outros para aceitarem viver no meio da guerra sem saber quando será sua vez de vítima.

É prova de decadência moral a tolerância com a divisão da sociedade brasileira por uma brutal concentração de renda, cuja manifestação mais anticomunista é sermos o maior exportador de alimentos e termos um dos maiores contingentes de pessoas famintas entre todos os países. A aceitação como natural das notícias sobre a fome intercaladas de propaganda de alimentos e de concursos de culinária é mais um indicador de decadência moral que lembra o tempo em que a escravidão era aceita com naturalidade, separando os brancos dos negros, agora quem come e quem passa fome.

Também é prova de decadência termos o presidente mais ridicularizado entre todos do mundo, visto como motivo de galhofa internacional, representando um país em decadência, ao negar a importância da ciência, dizer com orgulho que não tomou vacina e que não vê necessidade de distanciamento social. Ainda mais quando a oposição se torna prisioneira dos interesses eleitorais imediatos, sem perceber a decadência, nem apresentar rumos alternativos para barrá-la e promover a ascensão do país a um patamar superior de civilização. Nossos líderes parecem pilotos que disputam controlar o leme do navio, sem ver o iceberg da decadência em frente.